



Fuga de Peniche. No dia 3 de Janeiro de 1960 evadem-se do forte de Peniche: Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes, Carlos Costa, Jaime Serra, Francisco Miguel, José Carlos, Guilherme Carvalho, Pedro Soares, Rogério de Carvalho e Francisco Martins Rodrigues

A mulher chegou-se mesmo à beira. Ao borde do rochedo calcário que semelhava uma mesa colgada no ar.

No fundo o mar batia forte. Num cantar rouco e assustador. Olhou para as águas e lembrou a canção: "Agora é todo azul/com barras de cinzento/e logo é verde verde /seu brando chamamento".

O verde do mar parecia-se com a cor das esmeraldas. E aquele movimento incessante a fascinava, como se nom fosse capaz de afastar a olhada do ir e vir, das escumas e dos rochedos derrulidos.

Os seus pensamentos começaram a brincar, como na canção. Imaginou o sofrimento dos privados de liberdade, a dor, e raiva que nascem do sentimento de injustiça, de quem quer exprimir as suas idéias e nom pode. Pensou na claustrofobia dum mundo de seis passos e no eco do mar a bater no fundo desse mundo. Sentiu o silêncio dos pensamentos a fazer barulho no interior do cérebro.

Ficou queda sobre o alcantilado fascinada pelas ruínas do rochedo que, em tábuas planas, iam cedendo à força do mar.

- *Cá o mar não descansa, dissera-lhe o homem que encontrou na pracinha do Santuário dos Remédios.*

- *Eu gosto de vir cá de férias porque o som do mar faz-me bem. A cabeça descansa e deixa-se arrolar pelo bruar das ondas.*

Certamente, naquela região, a potência do oceano fazia-se sentir trabalhando sempre no lavrado do Karst calcário que formava a falésia. Covas, em que as águas entravam furiosas, ilhéus semelhantes a livros apilhados desajeitadamente, ficavam desgaçados do conjunto como testemunhas resistentes da terra devorada pelo mar.

Sou Barco (Lís Cília e Borges Coelho)

*Sou barco abandonado / Na praia ao pé do mar
E os pensamentos são / Meninos a brincar
Ei-lo que salta bravo / E a onda verde-escura
Desfaz-se em trigo / De raiva e amargura.*

*Ouço o fragor da vaga / Sempre a bater ao fundo,
Escrevo, leio, penso, / Passeio neste mundo
De seis passos / E o mar a bater ao fundo.*

*Agora é todo azul, / Com barras de cinzento,
E logo é verde, verde / Teu brando chamamento.
Ó mar, venha a onda forte / Por cima do areal
E os barcos abandonados / Voltarão a Portugal.*

[+...]

Pensou na resistência: a das rochas e a das pessoas. Lembrou a novela de Rosa Aneiros (Resistencia). Várias histórias enlaçadas na prisão de Peniche.

A prisão foi transformada num museu que lembra os homens que lá sofriram torturas e falta de liberdade. Uma homenagem à justiça. O mundo é assim: luta e movimento constante.

A rocha nom luta. Nom pode. Por isso o mar vai ganhar e fará recuar o alcantil e deitará abaixo a estrada que contorna a manga de terra que remata no farol Carvoeiro. A uma beira e outra do farol as ruínas do karst deixam furnas bruantes que limitam o edifício da antiga Prisão.

Hoje nom há mais presos políticos em Peniche. Há só uma praia formosa onde se pode praticar surf e banhar em liberdade.

A mulher desceu do rochedo e caminhou até à praia. O areal imenso de Abalo fazia a curva duma concha dourada. A imagem era espetacular. Olhou deliciada o espetáculo das ondas escumadas de branco a lamber as areias.

Mas o prazer que lhe dava a vista da paisagem foi interrompido pela agressão feita ao seu outro sentido mais sensível: o olfato, que lhe advertia dum perigo:

Uma sensação desagradável chocou-lhe no nariz: Um cheiro fedorento vinha da beira da praia coroada pelas dunas costeiras. Olhou para um e outro lado na procura da origem do seu desagrado. Um fume branco e espesso saía da outra beira da estrada marginal que bordea a praia. Procurando a fonte do fume subiu pelas dunas que formam a barra limitante do areal. Comprovou que, embaixo do fume, uma chaminé de cor azul deitava para o ar uma massa espessa e branca que virava com o vento para um e outro lado. Agora soprava cara onde estava ela. Sentiu um forte picor na gorja e dificuldade em respirar.

Em baixo da Chaminé desenvolvia-se a estrutura simples e falta de estética comum das factorias.

Um cartaz pintado sobre a parede: Conservas A Poveira... A gloria do mar.

Abordou a uma mulher que passava pelo passeio marginal da praia de Abalo, á beira dos automóveis, tentado obter algo de informação:

- *Desculpe,... Que é isso que está a deitar tudo esse fume?*

- *Pois, por aqui chamam-lhe a fábrica de peixe. Tem havido já muitos protestos pelo fedor que bota, mas dizem que não faz mal para a saúde... Nos cá já estamos acostumados, mas hoje é pior que nunca.*

Numa sociedade em democracia, tão duramente conquistada, uma conserveira tirou-lhe, brutalmente, o prazer e a liberdade de respirar à vontade.